

**VOZ, ESCUTA E EDIÇÃO EM
AUDIORETRATOS – HISTÓRIAS DE VIDA NO RÁDIO**

**VOICE, LISTENING AND EDITING IN
AUDIORETRATOS (AUDIOPORTRAITS) – LIFE STORIES IN RADIO**

Patricia Zanin Heitzmann (Rádio UEL FM)¹

Resumo: O artigo apresenta o processo de criação da coluna *Audioretratos*, veiculada na Rádio UEL FM. Há poucos espaços para se ouvir as histórias de vida de pessoas comuns. Essas entrevistas procuram fugir dos discursos oficiais e focar na potência de vivências e experiências significativas, transformadas em narrativas orais. Também há poucos formatos para esse tipo de entrevista nos veículos de comunicação de massa. Mesmo no rádio, mídia que tem na linguagem oral a sua principal característica. Esse artigo busca explicar como são feitas as entrevistas e como é feita a transformação dessa conversa num programa de rádio.

Palavras-chave: Rádio; Histórias de Vida; Entrevista; Edição.

Abstract: The article exposes the creation process of column *Audioretratos*, transmitted by Radio UEL FM. There are few spaces to hear life stories of ordinary people. *Audioretrato's* interviews aim to escape the official speeches and focus on the power of personal meaningful experiences transformed into oral narratives. Also, there are few formats for this type of interview in mass communication media. Even in radio, media that oral language has one of its main features. This article seeks to explain how the interviews are done and how transform these conversations into a radio program.

Keywords: Radio; Life Stories; Interviews; Editing.

Esse artigo apresenta as etapas do processo de entrevista, escuta e edição que resulta na coluna *Audioretratos – Histórias de Vida no Rádio*, veiculada semanalmente pela Rádio UEL FM (em 107,9 MHz, emissora educativa da Universidade Estadual de Londrina), desde abril de 2010. A coluna vai ao ar todo sábado, às 10h45min, com reprise na sexta, às 16h45min. Também é veiculada às segundas-feiras, no Trem das Onze (revista de cultura da mesma rádio). Até agora foram contadas mais de 50 histórias de vida. São depoimentos, memórias e lembranças de pessoas anônimas e, em alguns casos, também de gente conhecida. Todas elas compartilham vivências e experiências significativas, especialmente movimentos e ações que causaram algum impacto no rumo de suas vidas. No decorrer deste artigo, vamos apresentar a

¹ Jornalista da Rádio UEL FM (emissora educativa da Universidade Estadual de Londrina), especialista em Comunicação Popular e Comunitária e em Bioética. E-mail: patriciaueelfm@gmail.com

descrição desse fazer que consiste em transformar as entrevistas gravadas em programa de rádio.

O texto utiliza algumas referências sobre a voz a partir das reflexões do pesquisador Paul Zumthor (1985), que distinguiu, nas sociedades, quatro tipos de oralidade – primária (em sociedades ágrafas, sem contato com a palavra escrita); mista (quando a oralidade convive com a escrita, mas a última tem influência parcial e lenta); oralidade secundária (casos em que a manifestação da voz existe a partir da escrita e esta predomina sobre a voz); oralidade mediatizada (voz a partir da mídia e dos meios eletrônicos de comunicação).

A veiculação da coluna *Audioretratos* se dá a partir da oralidade mediatizada. As histórias de vida vão ao ar pelas ondas do rádio – que tem na linguagem oral uma de suas características mais importantes – e também ficam disponíveis no site da UEL FM (www.uelfm.uel.br). Ou seja, a oralidade mediatizada se vale de dois veículos. Em alguns casos, as colunas são compartilhadas em redes sociais, ampliando ainda mais a divulgação das histórias².

A voz que fala cria sua narrativa sobre a vida. É capaz de instigar, mobilizar, apaixonar, irritar, confundir. Quem é o ser que fala? Que enigmas compõem a sua existência? Quem é essa voz?

Dentro da experiência de uma sociedade humana, a voz é verdadeiramente um objeto central, um poder, representa um conjunto de valores que não são comparáveis verdadeiramente a nenhum outro, valores fundadores de uma cultura, criadores de inumeráveis formas de arte (ZUMTHOR, 2005 p.61).

Difícil ficar indiferente sobre uma voz que se escolhe ouvir. No primeiro semestre de 2012, *Audioretratos* escutou a voz de 17 entrevistados. Doze deles foram indicados por ouvintes e internautas. As sugestões vêm de pessoas que conhecem o entrevistado e acreditam que a história dele mereça ser contada no rádio. A produção da coluna fornece, no final da veiculação, um contato de e-mail. No site da UEL FM também é disponibilizado um número telefônico. Até o momento, nenhum internauta ou ouvinte enviou mensagem pedindo que a

² Foi o caso da costureira Mercedes Carvalho Coelho, nascida em 30 de setembro de 1929, no interior de São Paulo. Ela vive em Londrina desde o início dos anos 70 e contou sua luta para tirar o filho caçula das drogas. Hoje, Cleto Coelho é missionário da Renovação Carismática Católica. Ele teve acesso à história que a mãe contou por meio do *link* da entrevista, veiculada nos dias 23 e 29 de junho de 2012. O áudio foi compartilhado no *Facebook* por netas de Mercedes. O link é <http://www.uel.br/uelfm/arquivo.php?id=9058>

sua própria história de vida fosse compartilhada. As pessoas sempre sugerem outras, de seu vínculo e com as quais tenham relação – seja de amizade, de admiração ou respeito.

A busca por encontrar essas vozes se dá em várias etapas. Primeiro no processo de entrevista, aqui entendida como possibilidade de encontro para a escuta da voz. Para a pesquisadora Cremilda Medina, que publicou livro com esse título, entrevista é o “diálogo possível” (MEDINA, 1990).

O jornalismo tem na entrevista sua matéria-prima, que se desdobra em outros gêneros – seja em novas entrevistas, em reportagens ou em matérias especiais. “A entrevista é uma das práticas jornalísticas mais antigas. Em veículos de comunicação como o rádio, ela adquire importância ainda maior porque é capaz de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: emoção” (BARBEIRO; LIMA, 2001, p.46). Apesar de a entrevista ser o primeiro passo para a produção da coluna *Audioretratos* e ser o método de trabalho utilizado, é preferível compreendê-la mais como uma conversa, como explica o documentarista Eduardo Coutinho ao pesquisador Fernando Frochtengarten, sobre sua forma de ouvir as pessoas.

A maioria dos que fazem documentários fazem, efetivamente, entrevistas. As entrevistas têm um lado jornalístico e de depoimento. Entrevistas e depoimentos são coisas para a História. São coisas que se fazem com especialistas. E eu trabalho com pessoas comuns. A pessoa conta um fato histórico e, se ele é verdadeiro ou não, deixa de ter importância.

As conversas são conversas porque falo com pessoas anônimas – ninguém é anônimo, mas enfim... – relativamente comuns, ordinárias no sentido antigo do termo. Têm pouco a perder e por isso são interessadas. Um intelectual ou um político de esquerda ou direita têm muito a perder. Então eles se defendem. E as pessoas mais comuns têm pouco a perder. Talvez na vizinhança. Essa é a primeira razão pela qual as pessoas ditas comuns são mais interessantes.

A segunda coisa é que, em geral, elas falam a partir da vida privada. E o que é a vida privada? O que é a vida, no fundo? Pra mim é muito simples e, em certo sentido, complicado. Todas as pessoas nascem, vivem e morrem. E, aliás, infelizmente, sabem que vão morrer. O animal não sabe. E se o animal falasse me interessava. E nesse espaço que você não sabe quanto vai durar, tem uma vida que, pode ser intelectual ou camponês, é muito próxima uma da outra: uma origem que é familiar, étnica, cultural, religiosa ou de classe. E fora isso é tão simples: amor, sexo, casamento, filhos, dinheiro, saúde e aí chegamos à questão da morte. Isso é o núcleo que me interessa (FROCHTENGARTEN, 2009, acesso em: 15 jul 2012).

Fugir das falas prontas, dos discursos decorados, também é tema de reflexão de outra escutadora de histórias, a jornalista Neide Duarte.

Poucas pessoas se identificam com discursos. A maioria associa discursos a políticos, a aulas. É uma coisa maçante, e o público reconhece certos chavões inerentes aos discursos prontos. Esse tipo de discurso é sempre linear. A única coisa que sobe é o tom da voz, mas ele é linear. E tudo o que é linear é chato, porque a vida não é linear, nada no ser humano é linear. O público sabe o que a pessoa vai dizer em seguida, então se ele já sabe não precisa ouvir até o fim (DUARTE *apud* HEITZMANN; BESPALHOK, 2003, np).

As conversas que resultam nas histórias de vida da coluna *Audiotratos* tentam fazer com que as pessoas evitem os discursos. Nesse sentido, elas são instigadas a contar de seus movimentos na vida, de suas ações, de seus fazeres. De sua vida não linear. Mais adiante, quando for tratado do tema *edição* da coluna, exemplificaremos mais detalhadamente o porquê da escolha de valorizar o ser em movimento.

As entrevistas são gravadas e duram, usualmente, entre quarenta minutos e duas horas. A mais longa, feita por Elisabeth Ghisleni, teve três horas de duração. A mais curta foi de 20 minutos – a história de uma ex-menina de rua e atual garota de programa. Usuária de drogas, ela descreveu a “vida louca” que levava (palavras dela, inclusive tema de uma música dos Racionais MC’s, usada na edição): a entrega das filhas para um abrigo, o abandono em sua própria infância, a dificuldade no “mundo da malandragem” e a diferença entre a geração de usuários de cola de sapateiro e a do crack. Encerrou a conversa afirmando que ficou com vontade de usar drogas.

Os depoimentos também têm sido coletados fora do estúdio da Rádio UEL FM, com o objetivo de deixar a pessoa mais à vontade, seja na casa de quem vai contar sua história, seja num restaurante ou num café. O lugar de onde se fala interfere na forma como se fala, como se conta uma história, como se constrói uma narrativa de si.

Isso tem sido observado, principalmente, nas histórias gravadas com pessoas mais velhas. Três experiências foram registradas – em todas elas, o movimento foi de ir até onde a pessoa mora, vive e se sente confortável. Caso de João Vazzoler, nascido em 1931, e que se considera um “bicho do mato”. Ele foi responsável por plantar mais de 200 árvores na chácara onde vive, na usina Três Bocas, zona sul de Londrina. No início de fevereiro de 2012, ele conversou com a coluna por duas horas ininterruptas na varanda da chácara, acomodado na cadeira que está acostumado a usar (ele tem um problema na perna) e ao som de passarinhos³.

³ Coluna disponível em <http://www.uel.br/uelfm/arquivo.php?id=8886>

Outra gravação, com Aparecida Bergoc, nascida em 1926, foi realizada na sala do apartamento onde mora, no Edifício Caminhoto, centro de Londrina, em 27 de junho de 2012. A sala tem vista para a Catedral Metropolitana, local que dona Cida frequenta desde menina. Lá ela tocou o sino quando pequena; foi lá também que se casou. Filha de italianos, contou como começou vendendo macarrão na feira, na década de 1960, e como abriu uma casa de massas, nos anos 1970.

Antônio Felismino, conhecido como Toninho, atendeu os produtores da coluna no dia 6 de julho de 2012, na sala de jantar de sua casa, para contar, com orgulho, de sua atuação desde 1944 no coro Santa Cecília, da Catedral Metropolitana de Londrina, e como deixou o emprego de garçom do bar Líder, na década de 1940, para trabalhar nas Casas Fuganti até se aposentar. A mesa foi posta para o café pela esposa de Toninho, dona Helena, que preparou pão de queijo e geleia de goiaba para receber a reportagem. Toninho contou parte de sua história. Pausa para o café quentinho, mais um pouco de prosa e gravação de mais histórias. A família, que se preparava para mudar de Londrina para Curitiba, resolveu doar fotos da inauguração da Casa de Chá Fuganti, em 1956, para o acervo da Universidade de Londrina.

No caso de dona Cida e Toninho, as conversas tiveram participação da nora Raquel e da neta Julia, respectivamente. Foi delas a sugestão para as entrevistas. E a coluna pediu ajuda na gravação, considerando a convivência, o conhecimento da história e o afeto da relação.

Quem sugere a entrevista para a coluna também pode fazer perguntas, pedir para a pessoa contar essa ou aquela história. A surpresa das respostas, para a entrevistadora, pode se transformar em novas perguntas. O desafio constante é quando e como perguntar; quando e como calar. Novamente Eduardo Coutinho compartilha suas vivências com as conversas:

Em toda minha experiência de vida e de filmagem eu vi que, não importa se há pesquisa anterior e se eu conheço alguns fatos, o acaso está sempre presente. E que há um problema que é saber quando perguntar, o quê perguntar, quando romper o silêncio e quando não romper. Eu estou a toda hora errando. Porque o documentário é baseado na possibilidade de erro humano. Até hoje acontece de eu perguntar na hora em que eu não devia e o silêncio acaba. Ou eu faço a pergunta errada. Às vezes eu consigo fazer a pergunta certa. Tudo porque a voz em um filme ou na história oral é imediata (FROCHTENGARTEN, 2009, acesso em: 15 jul 2012).

Em outra conversa, desta vez com a repórter Priscilla Santos, da revista *Vida Simples*, Eduardo Coutinho é perguntado: “Quando o personagem se emociona no filme, você se emociona?” Eis a resposta:

Na hora e profundamente. Mas, ao mesmo tempo, aprendi que você tem que ser próximo e distante. E jamais interromper a filmagem. Quando acaba, a pessoa que disse coisas terríveis, que chorou muito, está bem melhor, é um desabafo. Às vezes a pessoa tem um silêncio terrível e eu penso: se eu falar agora nunca vou saber como é que essa pessoa sai do silêncio. O silêncio é um buraco. E de repente a pessoa está no buraco, mas você não dá a mão a ela. A pergunta não vem e o cara começa a sofrer. E às vezes você precisa ter a coragem de deixar o cara sofrer e ver como ele sai do buraco. Uma vez fiz isso e foi maravilhoso. Quando acabou a filmagem, a gente se abraçou e ponto final (SANTOS, 2006, acesso em: 01 jul. 2012).

A prática da coragem de ver como alguém sai do buraco e de não “salvar” esse alguém de seu próprio silêncio é um exercício importante que deve ser realizado, testado, repetido e experimentado. Em tempos de “incontinência verbal”, em que estamos ávidos por falar e muito pouco disponíveis para ouvir, é preciso deixar o outro exercer pausas profundas e permitir o silêncio. “A voz não se esgota naquilo que ela transmite; e a oralidade põe em funcionamento tudo que em nós se destina ao outro, mesmo o gesto mudo” (ZUMTHOR, 2005, p.95).

A partir das reflexões de Coutinho, a tentativa é experimentar, na prática das conversas que resultam nas histórias de vida, o respeito ao tempo do outro. Não é fácil e implica em “desformatar-se”. A experiência de uma década apresentando um programa semanal de entrevistas ao vivo, a *Entrevista 107*⁴, obrigava esta autora a ser rápida na pergunta e atenta na resposta. Em tal formato jornalístico, o entrevistador faz a mediação entre os entrevistados e o ouvinte, daí a necessidade de muitas vezes refazer a pergunta, insistir, sempre em busca da clareza e do entendimento. O tempo do silêncio, no caso de entrevista ao vivo, é menor. Geralmente atropela-se o tempo da pausa, da reflexão.

Mas essa é a experiência do programa ao vivo. Não se justifica usar o mesmo “método” com as conversas da coluna *Audioretratos*. Elas são gravadas, a produção tem tempo e disponibilidade para ouvir as vozes. E como o foco é deixar a pessoa contar sua própria história de vida, sua experiência vivida e ressignificada, que venham os silêncios, os lapsos da memória, as pausas, as dúvidas. A emoção presente na narrativa, na poética da oralidade, é uma escuta que precisa ser valorizada e respeitada.

Na maioria das vezes, os entrevistados é que escolhem o que contar. Eles também definem o que não querem compartilhar. O compromisso fundamental da escuta é, nesse

⁴ Programa de uma hora de duração, veiculado de 1994 até 2004 na Rádio UEL FM.

primeiro momento da conversa, com quem está narrando a própria história. Assim como Eduardo Coutinho, “a pessoa conta um fato histórico e, se ele é verdadeiro ou não, deixa de ter importância”. Importa como a pessoa conta, as conexões que estabelece, os vínculos que faz, as lembranças que surgem. Mesmo que passado e presente estejam associados, mesclados.

Uma forte característica do relato oral é a mistura de tempo no desenrolar dos fatos. O cotidiano confunde-se com o passado, a história de cada um incorpora vivências dos ancestrais. O tempo é, como na narrativa moderna, um amontoado de lembranças e vivências, não há uma linearidade na memória. Quando o narrador se refere ao que acontecia “antigamente”, não se pode afirmar que ele viveu tais experiências, mas elas são parâmetros de que se vale para explicar seu mundo de hoje (FERNANDES, 2002, p.53).

Outra característica presente na coleta dos depoimentos tem sido a conversa partir da sugestão de ouvintes e internautas. Isso acontece, principalmente, quando a entrevistadora não conhece a pessoa que vai contar sua história. No primeiro semestre de 2012, isso ocorreu em 12 ocasiões. Nesses casos, é feita uma pré-entrevista (pessoalmente, por e-mail ou telefone) com quem sugeriu a história e a pessoa conta pelo menos umas três passagens consideradas importantes na trajetória do possível entrevistado.

Essas informações servem como uma espécie de guia para a conversa. No caso da entrevistada Elisabeth Camargo da Silva, que teve o primeiro sebo de Londrina, o jornalista Felipe Camargo Melhado enviou, por e-mail, trechos significativos da conversa que havia tido com ela, dias antes. O material se transformou num roteiro para a entrevista radiofônica. Em um dos trechos da pré-entrevista com Melhado, Beth, como é mais conhecida, disse que o tempo em que teve a loja de livros usados foi a melhor época de sua vida. Uma das perguntas para a rádio foi essa, feita de forma direta: “Verdade que foi a melhor fase da sua vida?” Antes de responder, ela deu uma sonora gargalhada, incorporada na edição.⁵ O riso, nesse caso, pode ser compreendido como uma primeira resposta da pergunta; anuncia uma lembrança. Também pode ser entendido como um sinalizador importante do discurso que o segue; é a partir das situações engraçadas que a memória daquela fase da vida será recordada. É desse lugar que a entrevistada fala. O riso talvez também tenha a função de permitir que ela caçoe de si mesma porque a vida como dona de sebo não foi só alegria. Fechou a loja de

⁵ A coluna foi veiculada nos dias 7 e 13 de abril de 2012 e o link é: <http://www.uel.br/uelfm/arquivo.php?id=8581>

livros usados no final da década de 1990. Distanciar-se por mais de uma década da vivência possivelmente lhe permita rir de si.

A edição é o momento mais trabalhoso e demorado na produção da coluna *Audioretratos*. Exige escuta do material gravado – entre uma e duas vezes. Nessa fase, os trechos considerados mais significativos já vão sendo selecionados. A montagem costuma dividir “blocos” de temas que vão formar, posteriormente, a narrativa.

Os blocos temáticos são um dos critérios importantes da edição. Outro, incorporado neste primeiro semestre de 2012, é revelar a pessoa em ação, em movimento. Esse “registro” da pessoa no seu fazer, no exercício de si, foi uma reflexão e sugestão do jornalista e historiador Tony Hara⁶. Ao ouvir um depoimento veiculado pela UEL FM, em que a entrevistada contava uma história de amor, ele chamou a atenção para o fato de a pessoa estar discursando, estar dando “lição de moral” e poucos exemplos de suas práticas cotidianas.

A partir dessa reflexão foi feito um exercício de reedição da história, tomando como ponto de partida os movimentos da entrevistada e suas implicações na própria trajetória de vida. É possível afirmar que o material teve um ganho significativo porque, de forma direta, passou a auxiliar o ouvinte na tarefa de conhecer mais sobre quem conta a história. Trata-se da pessoa oferecendo exemplos concretos e vivências que, de fato, experimentou. É menos tempo de conversas vãs e mais espaço e oportunidade para revelar sobre o outro.

Esse critério tem norteado a escuta da entrevista para a realização da edição. Já na hora de selecionar os trechos e os blocos, são escolhidas passagens relacionadas aos exemplos de como a pessoa sai de uma situação difícil; de como reage a um acontecimento inesperado; de como resolve um problema. Caso do fotógrafo Evandro Teixeira, baiano radicado no Rio de Janeiro há 50 anos. Ele contou à coluna como e por que teve de falsificar uma credencial para cobrir os desfiles de alta costura em Paris. Nessa conversa, relatou ainda como atraiu pombas pretas em frente ao Palácio La Moneda, no Chile, para ter uma foto a mais próxima possível daquela que fez no ano de 1973, quando o presidente Salvador Allende foi deposto.⁷

Em um dos programas, ouvimos histórias da professora de canto Walkyria Côrtes Ferraz, que completou 80 anos em 2012. Ela criou um método próprio para ensinar as pessoas

⁶ Ele presta uma consultoria informal ao projeto. É dele o nome *Audioretratos*. Na primeira temporada, em 2010, colaborou com a edição de cinco das 31 histórias veiculadas. No primeiro semestre de 2012 editou uma história e sugeriu a gravação de outra.

⁷ Coluna veiculada em 17 e 23 de março de 2012. Para ouvir o link é <http://www.uel.br/uelfm/arquivo.php?id=8530>

a “soltar a voz”. Walkyria, que diz ter cantado tudo o que quis, agora só ensina. Durante a conversa, foi pedido que ela entoasse um trecho de uma de suas músicas favoritas – ela respondeu que não, “não seria oportuno e adequado”. Fosse uma edição tradicional, para ser apresentada num radiojornal corriqueiro, a resposta seria cortada por ser considerada irrelevante. Ou seja, se ela não fez cantou, não justificaria deixar a negativa. Mas na coluna *Audioretratos*, a resposta da professora de canto foi incorporada à edição por revelar a postura da entrevistada, seu cuidado ao apresentar-se publicamente e também a firmeza de não ceder aos apelos da entrevistadora. Entendemos que a recusa, o silêncio, a meia-resposta, a hesitação, o riso, o choro são elementos indicativos e valorativos do discurso. Muitas vezes o silêncio pode dizer mais que palavras decoradas; a hesitação indica dúvida, mas pode também revelar uma nova compreensão que começa a se formar a partir de uma pergunta.

Todos esses elementos – o riso, o silêncio, a meia-resposta, a hesitação, os vícios de linguagem – devem ser incorporados ao processo de edição por dizerem muito sobre o entrevistado. São uma espécie de “retrato em áudio” de quem conta sua história, parte integrante do discurso, da narrativa oral. A montagem de cada coluna, por meio da escolha das passagens mais significativas das falas, combinada com os elementos indicativos e valorativos do discurso, aliada à inserção de música e à apresentação do entrevistado a partir da narração da produção da coluna, resulta na forma de contar a história. No decorrer do texto, vamos esclarecer melhor como é o processo de hierarquizar a seleção das falas, mas é possível afirmar que toda edição pode ser considerada uma forma subjetiva de representação. E essa forma de representar alguém pode ter consequências imprevisíveis. Em duas circunstâncias, ouvintes pediram telefone, e-mail e endereço dos profissionais que ouviram na Rádio UEL, com o objetivo de procurá-los. Um dos ouvintes se interessou em fazer uma consulta médica com um cirurgião cardíaco que inventou técnicas de cirurgia. Outros três escreveram para pedir o contato da professora Walkyria Ferraz, interessados em fazer aula de canto com ela depois de escutá-la contando seu método de trabalho.

A forma subjetiva de representar alguém também pode irritar, desestabilizar. Um ouvinte ligou na UEL FM para reclamar, junto à direção da emissora, de uma das entrevistadas da coluna *Audioretratos*, que ele chamou de ladra. Dizia o ouvinte que a emissora, ao divulgar a história de vida da entrevistada (ex-menina de rua e garota de programa), estaria avalizando práticas criminosas que teriam sido cometidas por ela.

A desenvoltura de quem conta a história à reportagem também chama a atenção do público. Uma professora do curso de Letras da Universidade de Londrina, ao repercutir a história que escutou no rádio, da costureira Mercedes Carvalho Coelho, disse que parecia que entrevistada e entrevistadora estavam na cozinha, conversando, e que a sensação de quem ouvia era de também estar entrando nessa cozinha.

A edição procura preservar o tom intimista das revelações que são feitas. O ideal é que a pessoa que conta possa estar super à vontade e essa zona de conforto é, necessariamente, incorporada no processo de seleção das falas. Mas se trata sempre de uma montagem do discurso. Mesmo que a sensação seja, para quem ouve, de que não houve edição. Caso de uma jornalista que sugeriu uma entrevistada para a coluna e mandou e-mail, depois de ouvir o áudio, dizendo que “a pessoa fala à vontade – quase não tem edição”.

A montagem é um processo complexo e trabalhoso que demanda atenção, cuidado e escuta. Geralmente o resultado da edição se confunde com a entrevista, mas é importante fazer uma distinção. No caso do comentário “quase não tem edição”, é bom registrar que a conversa bruta, gravada com a entrevistada da coluna, teve perto de uma hora de duração. A coluna final, o produto jornalístico concluído, tinha duração de 15 minutos. Ou seja, a edição descartou pelo menos 45 minutos da fala da entrevistada.

A edição da conversa em cada coluna é, aproximadamente, de 12 minutos. Outros 34 segundos são o tempo da vinheta de abertura; o texto de apresentação do entrevistado dura, em média, um minuto. Mais um minuto é reservado para a nota retorno (quando são repetidas informações da abertura da coluna e incluído algum item que não esteve na edição), enquanto a vinheta de encerramento tem 16 segundos. Essa é a estrutura formal do programa.

Da perspectiva dos manuais de radiojornalismo, enquanto faz a escolha dos melhores trechos, “o editor também deve ‘limpar’ a sonora, eliminando longos períodos de silêncio, tosses, titubeios e demais imperfeições” (BARBEIRO; LIMA, 2001, p.70-71). Mas a edição em *Audioretratos* pressupõe que os silêncios e titubeios estão na ordem da vida. E vários desses silêncios e titubeios são incorporados na montagem por serem reveladores de como a pessoa recorda o acontecimento, como atualiza os fatos. São elementos valorativos e indicativos do discurso, conforme já foi esclarecido.

Certos trechos das histórias precisam ser emendados. A pessoa às vezes conta um episódio significativo no começo ou no meio da entrevista e depois, mais adiante, retoma o assunto, trazendo mais detalhes e ampliando a compreensão de como foi seu movimento, sua

ação. A edição pode aproveitar o início e depois acrescentar outro trecho do tema. “Os pontos ideais para cortes e emendas são descobertos pelo editor com a prática e a sensibilidade. A regra básica é dar sentido à fala” (BARBEIRO; LIMA, 2001, p.71).

Em vários programas, a edição emendou trechos de falas distantes, mas que se complementavam, para dar maior dinamismo à narrativa e garantir o “fio da meada”. Caso da psicóloga e psicoterapeuta corporal Márcia Sel. Ao contar como foi o parto do 2º filho, nascido no Canadá, ela relatou ter tido o apoio de uma doula (acompanhante de parto). No início da entrevista, disse que a profissional ofereceu o serviço voluntariamente. Depois, quando relatou o dia do nascimento de Francisco, a doula voltou à cena. Na edição, apenas uma rápida referência à primeira informação. O que foi valorizado? A atuação da doula no momento crucial, a ação da acompanhante, o movimento no auxílio à mãe durante a chegada do bebê.

A montagem da coluna também conta com recursos radiofônicos que buscam dar mais ritmo à narrativa. Entre um assunto e outro – e para mudar de tema e situar o ouvinte – são inseridos três elementos básicos: nome do entrevistado e a narração seca da palavra *Audioretratos*, ambos na voz do locutor da UEL FM Elias Vergennes, além de trechos de músicas.

Na primeira temporada da coluna, em 2010, a própria editora/apresentadora do programa e autora deste artigo fazia a gravação do nome do entrevistado e ainda não utilizava a palavra *Audioretratos* na edição. Em 2012, a coluna passou a contar com esses dois elementos, sempre na voz de Vergennes. A voz de um terceiro no programa pontua a narrativa, além de trazer surpresa e quebra de expectativa na escuta. O uso desses dois recursos sonoros tem como base o programa *Supertônica*, de Arrigo Barnabé, produzido por Júlio de Paula.⁸

A música – na maioria das vezes instrumental – é outro procedimento da montagem da coluna. A preferência por temas sem letra evita a concorrência entre a voz do(a) cantor(a) e a fala do entrevistado, além de estar ligada às três funções da música em um programa de rádio, estudadas por Mario Kaplún (1978): gramatical (signo de pontuação para separar blocos, seções ou mesmo um assunto do outro); expressiva (contribuir com um clima emocional) e reflexiva (tempo de repouso para o ouvinte e possibilidade de “digerir” as informações).

⁸ O programa é uma realização da Rádio Cultura FM, de São Paulo, e do Centro de Estudos Musicais Tom Jobim. É veiculado também na UEL FM de Londrina.

Ainda segundo Kaplún, a música pode ter ainda outros dois papéis no jornalismo: descritiva (trazendo referência de um lugar) e ambiental (reprodução do som local). Mas esses dois aspectos da música raramente tem sido utilizados na montagem de *Audioretratos*. Fazendo uma retrospectiva das quase 50 colunas, veiculadas pela UEL FM até junho de 2012, com histórias de vida, é possível afirmar que a música instrumental usada na edição cumpre especialmente as funções gramatical e reflexiva.

Na primeira temporada, em 2010, das 31 colunas, sete utilizaram música com letra. Entre elas, duas com cirandeiros pernambucanas, em que as próprias entrevistadas cantaram. Outra trouxe histórias do músico, cantor e compositor Fernando Anitelli, criador do Teatro Mágico, com uma música de sua própria autoria, que complementava uma das falas. A história de retorno para o Rio Grande do Sul da psicóloga Marta Haddad Guterrez, que viveu 28 anos no Paraná, onde sofreu duas grandes perdas – um filho e depois o marido – também incluiu música com letra, escolhida pela própria entrevistada: “Encontros e despedidas”, de Milton Nascimento.

Na segunda temporada de *Audioretratos*, no primeiro semestre de 2012, das 17 colunas veiculadas, quatro utilizaram canções. Duas delas não veicularam qualquer música e as outras onze tiveram a montagem com som instrumental.

As colunas que usaram canções foram de uma fã do Roberto Carlos (que entou uma de suas músicas favoritas do rei e a edição também incluiu outros dois trechos de canções do compositor) e da professora de canto Walkyria Ferraz, que mencionou sua música favorita, usada como exemplo, em trecho final da montagem. A coluna com a psicóloga Márcia Sel que contou do encontro de seu olhar com o filho também veiculou música com letra (“O seu olhar”, na interpretação da cantora Ceumar); e as histórias de assombração do peão pernambucano Damião Pereira Lima, que vive no Paraná, foram complementadas com a levada do cantor e compositor também pernambucano Antônio Nóbrega.

Num artigo em que discute texto, música e performance, Ruth Finnegan questiona a supremacia da palavra escrita sobre o som e a performance.

(...) e é para o texto que estamos acostumados a dirigir nosso interesse. Temos a tecnologia para lidar com ele assim como um arsenal de abordagens e vocabulários azeitados para sua análise. Mesmo para as apresentações orais ou performances vocais dos dias de hoje, é igualmente o *texto* ou a letra da canção que tendem a ser tratados. Estes, parece implícito, são aquilo que define canção e seu modo de existência. Assim, quer se trata de exemplos longínquos ou gêneros do

presente, é em suas palavras, em seus textos verbais, que sua solidez e seu potencial de interpretação parecem residir (FINNEGAN, 2008, p.19).

Apesar do uso de música com letra em algumas colunas, é na solidez da versão instrumental e no potencial de interpretação subjetiva que ela é capaz de fornecer ao ouvinte que a produção da coluna faz sua maior aposta. A música sem texto atinge diretamente a emoção do ouvinte. Muitas vezes complementa a fala do entrevistado como se fosse um prolongamento da própria história que está sendo narrada. Emoção, aliás, é o que a produção da coluna busca trazer a quem ouve a história de vida. Um jornalismo capaz de afetar o outro. E, ao mesmo tempo, que tem a pretensão de fazer o ouvinte/internauta refletir sobre a própria vida. Ouvir a história de vida de alguém pode ajudar na compreensão de nossa própria história, especialmente porque os entrevistados têm falado com franqueza sobre eles mesmos. Nesse sentido, o rádio permite a criação de imagens mentais sobre esse sujeito que conta; possibilita que o ouvinte faça um exercício de imaginação (por isso a produção da coluna não publica fotos dos entrevistados no site da UEL FM) e muitas vezes de identificação e empatia. A editora de *Audioretratos* também se afeta com as histórias e é capaz de lembrar frases inteiras, trechos completos das histórias veiculadas no rádio.

Como afirmamos no início desse artigo, há poucos programas radiofônicos em que as histórias de vida são valorizadas. O radiojornalismo em nossa época privilegia a prestação de serviços e aquilo que é conhecido como *hard news*, as notícias do dia. Essas que serão veiculadas em quase todos os jornais impressos, sites de notícias e telejornais. É evidente que essas informações podem ser relevantes para o cotidiano do ouvinte. O horário de um espetáculo, a oferta de curso gratuito, de uma vaga de emprego, a palavra de uma autoridade pública sobre a situação do sistema de saúde ou da coleta de lixo, etc. Todos esses dados podem ser importantes para o dia a dia do cidadão, mas é possível imaginar que haja uma demanda por outro tipo de informação. Pode-se supor que as pessoas comuns também façam a pergunta – simples e complicada ao mesmo tempo –, retomada por Eduardo Coutinho: “O que é a vida, no fundo?” Esse intervalo de tempo onde há o amor, o conflito, o trabalho, os filhos, a velhice e a morte.

As histórias de vida são informações que falam da trajetória aquém ou além do esquadramento feito pelas tradicionais editorias jornalísticas (editoria política, econômica, cidades, de entretenimento/agenda cultural). Por essa razão, essas narrativas e vozes exigem procedimentos diferentes da prática jornalística, apesar de serem veiculadas na mídia. A

conversa substitui a entrevista. A montagem torna-se mais do que uma edição pura e simples. A música, a pausa, o riso e o suspiro. Trata-se de uma conversa escutada artisticamente e recontada para provocar no outro a emoção de uma vida.

Referências

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FINNEGAN, Ruth. O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance? In: MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de (Orgs.). **Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho**. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 20, n. 1, mar. 2009. Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000100008. Acesso em: 15 jul 2012.

HEITZMANN, Patricia Zanin; BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan Bepalhok. Radiojornalismo e subjetividade: em busca de vozes singulares. In: **Temas Livres do XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação (Intercom)**, Belo Horizonte: MG, 2003.

KAPLÚN, Mario. **Producción de programas de radio el guión - la realización**. Ediciones Ciespal: Quito, 1978.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista – o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1990.

SANTOS, Priscilla. Deixa falar - o documentarista Eduardo Coutinho e a arte de ver (e ouvir) a vida mais comum. In: **Vida Simples**, São Paulo, edição 40, abril 2006. Disponível em http://mdemulher.abril.com.br/revistas/vidasimples/edicoes/040/conversa/conteudo_237412.shtml. Acesso em: 01 jul. 2012.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo**. Trad. Jerusa P. Ferreira e Sônia Queiroz. São Paulo: Ateliê, 2005.

_____. A permanência da voz. In: **O correio da Unesco**. Trad. Maria Inês Rolim. Ano 13, n.10. São Paulo: Brasileira, 1985.

[Recebido: 25.ago.12 - Aceito: 23.out.12]